

65. Monsanto.—Monsanto ao Norte da Ajuda tem (segundo Verdier) 550 pés ou 181^m,5 de elevação.

Vej. *Balbi*, t. I, p. 74.

66. Estrada de Queluz.—Deu-se principio à nova Estrada de Queluz em 1792.

67. Estrada de Queluz à Ajuda.—Diogo Inácio de Pina Manique foi quem mandou fazer e arborizar a dita estrada.

Vej. Pinheiro Chagas (em *Manique*).

RODRIGO VICENTE DE ALMEIDA.

Archeologia prehistórica da Beira

(Vid. *Arch. Port.*, IX, 303, e X, 28 e 312)

V

Orca dos Palheiros

No sítio dos Palheiros, freguesia de Senhorim, concelho de Nelas, existiu um dólmen ou *orca* que destruíram, já há muitos anos, quando fizeram a estrada que aí passa. Apareceram na ocasião alguns objectos que se perderam, com excepção de um que vai desenhado de tamanho natural na 1.^a das estampas juntas, salvo e guardado pelo Sr. Angelino dos Reis Sena Cardoso, do Casal de S. José, o qual teve a bondade de m'ò oferecer para o Museu Etnológico em 31 de Março de 1912, dia em que estive em sua casa.

É uma bela e delicada lança de sílex amarelado, de forma de triângulo isósceles, porém com os bordos levemente encurvados e finamente retoeados, e a base arqueada e nas duas extremidades chanfrada, formando ós chanfros um espigão largo que facilitava a fixação do instrumento no tópo de uma haste. As duas faces estão muito bem talladas, e apresentam pouco relêvo.

*

Comparáveis a esta arma de guerra e de caça, embora fabricadas de outras espécies de sílex, há várias no Museu Etnológico: duas de uma gruta de Tórres Novas (pav. I, most. 38.^o), uma de uma anta de Belas (*ibid.*, most. 19.^o), uma de Leiria, com o espigão porém mais evidente (*ibid.*, most. 17.^o). De Belas também Carlos Ribeiro descreve uma, igual às três primeiras, na *Notícia de algumas estações e monumentos prehistóricos*, II, 30 e 31. Quando se observam tais lanças, pode às vezes à primeira vista parecer que a chanfradura, em

vez de o ser, é quebradura accidental; todavia um exame minucioso mostra que ela tem retoques, e que portanto houve intenção e não acaso.—Da comparação que instituí, resulta que umas mesmas formas artístico-industriais viajavam de um ponto para outro da Lusitânia, o que se dá, e naturalmente, com outros artefactos.

Vem a pêlo notar que não abundam nas colecções estrangeiras lanças de sílex tam lindas como as nossas; e o que digo das lanças digo das pontas de seta¹. Parece que o nosso país, na idade da pedra, estava relativamente mais adiantado que hoje! Ao passo que a nossa indústria moderna fica sempre inferior à de fora, naqueles remotos tempos o Lusitano confiava nos seus próprios recursos, e brilhava apoiado neles.

VI

Orca da Fonte do Alcaide

A Fonte do Alcaide é um lugarejo da frêguesia de Senhorim, concelho de Nelas. Havendo-me dito o meu amigo o Sr. Bernardo Rodrigues do Amaral que perto daquele lugarejo existia uma *orca*, resolvi explorá-la, o que fiz nos dias 29 e 30 de Março de 1912, ajudado por Fulgêncio Rodrigues Pereira, preparador do Museu Etnológico.

A orca fica debaixo de um castanheiro, em meio de um giestal, sobre leve ondulação do terreno, que é granítico. O sítio chama-se *dos Jorjais* ou *das Rigueiras*. A pouca distância passa o rio de S. Pedro. Revolvida e desconjuntada em tempos antigos, só restavam dela, no lugar primitivo, os esteios A e B da câmara, e arrancadas e caídas pelo chão diversas lages (C, D, E, F, G, H), que provavelmente fizeram parte também de esteios e da tampa (tudo de granito): vid. a fig. 1 da est. II. Como de A para B medeia a distância de 6^m,20, o que mostra que a câmara era muito grande, pode julgar-se que a tampa, em vez de ser de uma só peça, constaria de várias, cada uma assente em seu grupo de esteios: todavia, do outro lado do rio, junto do lugar das Carvalhas, que dista dali um ou dois quilómetros, vi lages de granito, de sua natureza soltas, muito maiores que as que seriam precisas para se cobrir a orca.

¹ Quem não admirará, por exemplo, as lanças e setas que vem desenhadas nas *Antiguidades monumentaes do Algarve* de Estácio da Veiga, vol. I, est. D, E, III, XIV e XVII? ou as que fazem parte do espólio neolítico da gruta da Cezareda, guardado na Direcção Geológica de Lisboa? (Neste espólio há lanças de primeira ordem, feitas de fôlhas de sílex, que foram previamente polidas, restando ainda nas faces vestígios da polidura primitiva).

Os esteios que ainda se conservam no seu pôsto é muito provável que primordialmente fôsem mais altos, e se partissem depois. A sua posição é perpendicular (e não oblíqua, como geralmente acontece).

Na impossibilidade de remover as pedras todas, fiz remover as que eram de fácil remoção, e mandei cavar nos intervalos livres, e crivar a terra. Á profundidade de 0^m,42 achou-se o chão natural (saibro), junto do esteio A. Por toda a câmara se encontrou pedregulho, para lá lançado pelos pastores e camponeses pelo tempo adiante, e além disso, quer no meio, quer no fundo, sôbre o saibro, muitos calhaus rolados (de quartzo, quartzite e gneiss), pequenos, vindos do vizinho rio, os quais de certo datavam da primitiva, como noutras antas acontece¹. Encontraram-se igualmente algumas pedras chatas, provenientes, segundo creio, do lagedo ou ladrilho que na época prehistórica devia revestir o chão do monumento².

O espólio arqueológico foi, infelizmente, muito deminuto, porque a orca estava remexidíssima: no crivo, a par com alguns fragmentos cerâmicos informes, de carácter neolítico, appareceu uma conta verde de ribeirite (vid. a est. I, tamanho natural)³, achatada em duas faces e com um furo bicónico, e appareceu uma ponta de seta triangular, de sílex avermelhado, com os dois lados finamente retocados e a base encurvada (fig. 3 da est. II, tamanho natural)⁴. Fora, em a, mas junto de um dos esteios, descobriram-se dois pedaços de mós primitivas de granito (pedras escavadas; vai desenhada uma na fig. 6 da est. II), um rebôlo, que deve ter pertencido a uma das ditas mós,

¹ Vid. *Religiões da Lusitania*, I, 314-315.

² *Religiões*, I, 276-277.

³ Esta conta formaria parte de um colar cujas restantes contas se perderam. Acêrca da ribeirite (variedade de calaíte) vid. A. Bensaúde in *Compte rendu* do Congresso de Lisboa de 1880, p. 695 e 697.

⁴ Para se fixar uma seta de sílex na respectiva haste abria-se esta em cima, verticalmente, e introduzia-se aquella na abertura, e segurava-se com um fio ou tira de substância vegetal ou animal, como se vê na adjunta figura esquemática (n.º 4 da est. II); os fios ou tiras podiam ser reforçados com massas resinosas. As lanças de sílex, como a que figurei supra, fixavam-se de maneira semelhante. Digo isto, fundado no que tenho observado em vários museus de etnografia: na fig. 5 da est. II dou o desenho de uma seta (haste de madeira, e ponta de cristal de rocha) provinda do norte da Califórnia, cujos habitantes ainda há pouco estavam na idade da pedra,—seta que existe no Museu Etnológico por dádiva que o venerando arqueólogo o Sr. Émile Cartailhac me fez em Tolosa de França, em Setembro de 1912. Cf. também sôbre o assunto *Revue de l'École d'Anthropologie*, VI, 400.—Para que os visitantes do Museu Etnológico Português possam num relance compreender como é que os homens prehistóricos se ser-

ou a outra (fig. 7 da est. II)¹, e uma pedra de amolar, igualmente de granito (fig. 8 da est. II)².

O remeximento a que acima me refiro data de épocas muito remotas, pois que no interior da câmara achámos pedaços de louça de aspecto romano³.

Eis algumas medições e observações, que copio do meu canhenho:
 $a b = 6^m,20$ (como já fica dito).

A: largura $1^m,06$; altura $1^m,75$; espessura $0^m,21$. Êste esteio, na sua parte interna, está mais ou menos aplanado; na externa tem as irregularidades naturais. Está fixo no sabro, e seguro com calços da mesma rocha.

F: lage grande, mais ou menos quadrangular, que fazia parte da tampa. — Dimensões $3^m,25 \times 3^m,20 \times 0^m,51$.

D: comprimento $3^m,23$; largura $0^m,65$.

B: altura $0^m,86$; largura $1^m,20$; espessura $0^m,35$. Êste esteio está calçado como A. Também aplanado na face interna.

Julguei inútil medir todas as lages, porque o que fica exposto dá idea do tamanho delas.

VII

Orca de Gandufe

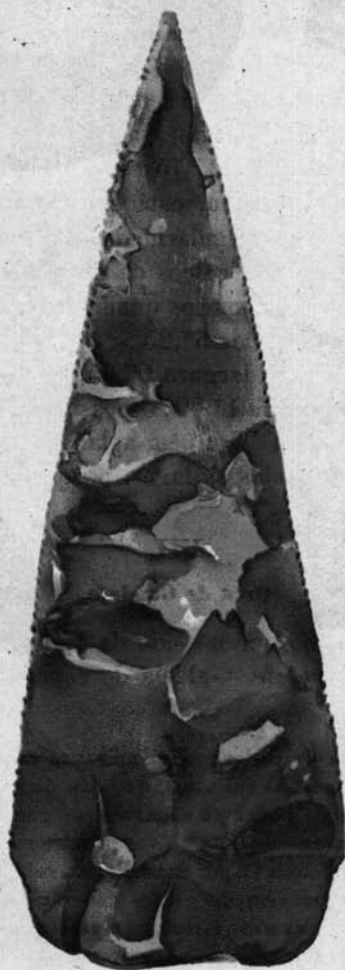
Havendo-me constado que no sítio da Laje da Ribeira, ao sul do rio Tinto, perto de Gandufe — aldeia do concelho de Mangualde —,

viam das pontas de seta de pedra, coligi nele uns tantos arcos e flechas de selvagens africanos (das nossas colónias), que dão disso, por comparação, idea perfeita. — Com as setas de pedra se caçava e se guerreava. Em alguns museus estrangeiros encontram-se mesmo ossos prehistóricos humanos atravessados por tais setas: no de Tolosa vi, por exemplo, um *cubitus* e uma vértebra lombar assim atravessados (provém de grutas funerárias; com aquele está um rótulo que diz: «un cal osseux s'est formé, et a retenu le silex»).

¹ As mós dêste tipo encontram-se nas nossas estações arqueológicas desde a época dos dôlmens até, pelo menos, à época romana. E ainda hoje o povo faz uso de instrumentos semelhantes, por exemplo, na Beira, onde os aplica para trituração de grãos de milho destinados ao fabrico de uma espécie de papas que lá se chamam *milhos* e *milharas*: vide o meu *Estudo Ethnographico*, Porto 1881, p. 12, e a *Lisboa prehistórica* do Dr. Vergílio Correia, I (1912), 7-8.

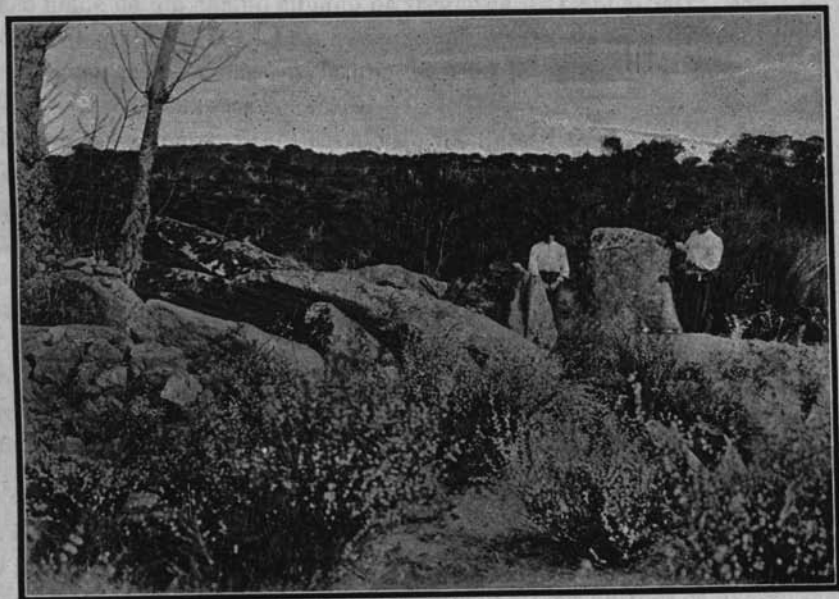
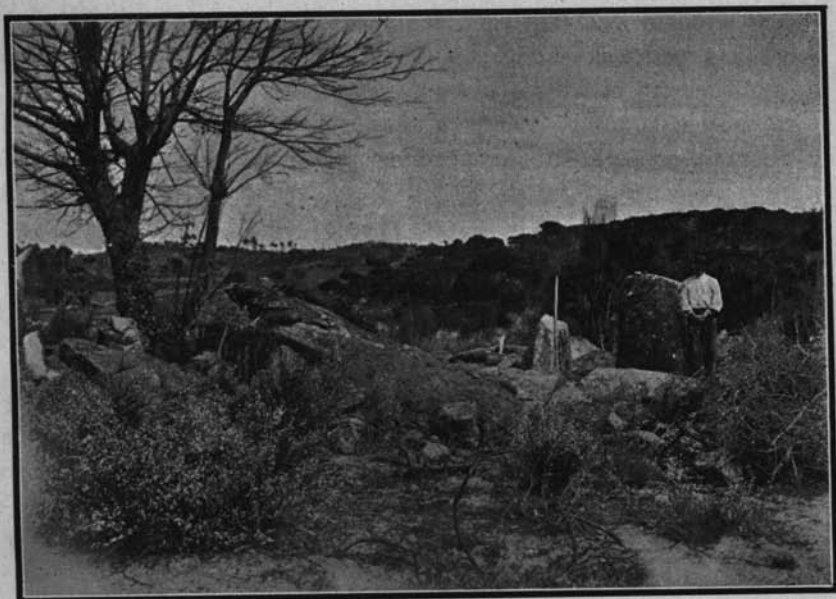
² Na prehistória do nosso país não conheço «polidoiros», se assim posso chamar à segunda espécie de *polissoirs* franceses de que fala Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, I, 524, «fixes en grandes dalles ou gros blocs, souvent adhérents au sol». Só conheço pedras de amolar, de que tenho encontrado algumas em antas e estações: correspondem à primeira espécie dos *polissoirs* de Déchelette, *loco citato*.

³ Cf. um facto análogo n-*O Arch. Port.*, x, 313.



50000

Lança de sílex da orca dos Palheiros, e conta de ribeirite
da orca da Fonte do Alcaide: concelho de Nelas



A orca da Fonte do Alcaide (vista por dois lados), p. 78

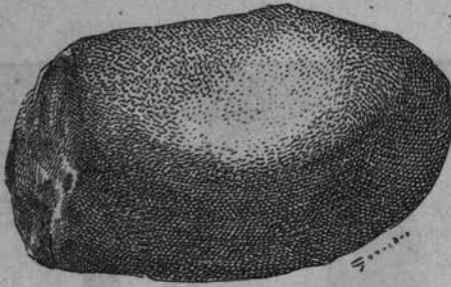


Fig. 8



Fig. 3

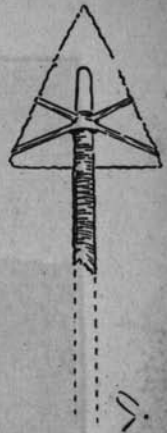


Fig. 4

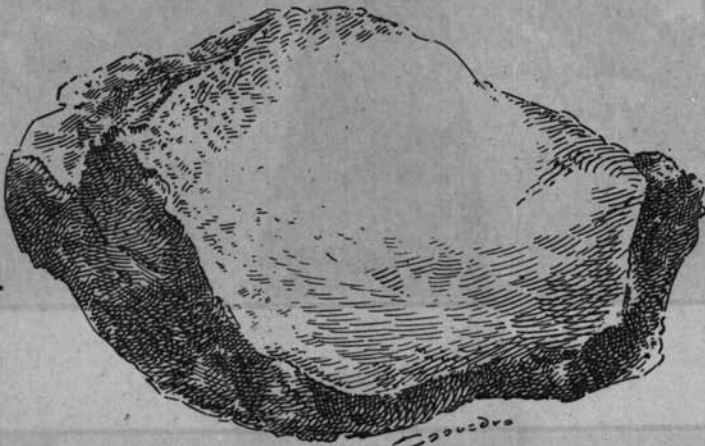


Fig. 6



Fig. 5

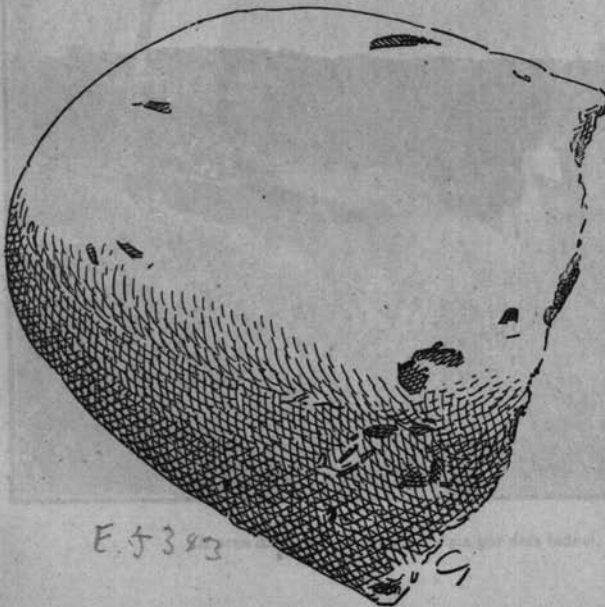


Fig. 7

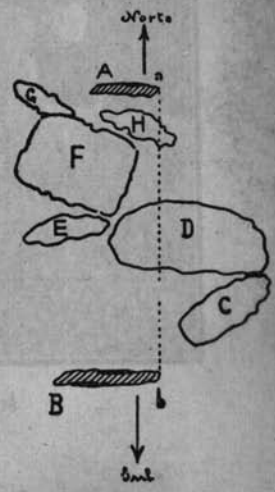


Fig. 1

existira uma orca que fôra demolida últimamente, dirigi-me ao local em 1 de Abril de 1912, em companhia do meu prestante amigo o Sr. Bernardo Rodrigues do Amaral, e aí mandei fazer escavações um pouco ao acaso, por não saber ao certo o sítio do monumento: ainda assim, elas deram em resultado aparecer uma mó de granito que é análoga à da est. II, fig. 6, embóra a superfície côncava esteja pouco polda.

VIII

Orca de Alcafache

Ao lado direito da estrada que vai de Nelas para Mangualde, antes do apeadeiro ferro-viário de Alcafache (linha da Beira), existiu em tempos uma orca de que ainda resta uma pedra, tombada no chão, orca que foi destruída quando fizeram a estrada. Estive aí em 1 de Abril de 1912; ainda que mandei proceder a algumas escavações, não se encontrou o sítio exacto em que o monumento estivera. O local chama-se *A Orca*, e está dentro de um pinhal.

IX

Val d'Anta

É o nome de um campo situado na frèguesia da Cunha-Baixa, concelho de Mangualde. Não consta que nele apparecesse algum monumento arqueológico, mas o nome revela que deve ter lá existido um dólmen.

Para evitar confusões, observarei:

1) Que este campo fica afastado do da *Casa d'Orca*, em que está o monumento de que falei nas *Religiões*, I, 271,—embora ambos os campos pertençam à mesma frèguesia;

2) Que, ao passo que o vocábulo *anta*, significativo de «dólmen», teve outrora existência na lingua comum de todo o país, como se prova da toponímia, o vocábulo *orca*, seu sinónimo, é puramente local, pois pertence apenas, quanto sei, à linguagem da Beira Alta e Beira Baixa e à da do Noroeste da Estremadura, ou como quem dissesse, à do antigo principado da Beira e à de uma região que confina com elle¹.

J. L. DE V.

¹ A Beira, em sentido antigo, compreendia, além das províncias que modernamente se chamam *Beira-Alta* e *Baixa*, também os actuais distritos de Aveiro e Coimbra (Beira ocidental ou marítima), isto é, uma zona que para o Ocidente fica entre o Douro e o Mondego, e para o Oriente entre aquele rio e o Tejo.